

# 10 anos de vanguarda!



## A criação da Abapa, em 31 de maio de 2000, mudou os rumos da cotonicultura na Bahia

Há exatamente uma década, no dia 31 de maio de 2000, nascia a Associação Baiana dos Produtores de Algodão, a Abapa, e com ela uma nova mentalidade e forma de produzir a fibra na Bahia. A certeza de que o cerrado baiano seria capaz de ocupar o vácuo deixado pelo declínio da atividade nas áreas tradicionais do estado levou um grupo de cotonicultores pioneiros da então nova fronteira agrícola a se mobilizar e organizar para a criação de uma entidade de classe que pudesse representar, defender e promover o desenvolvi-

mento da cotonicultura regional, sob os mesmos parâmetros, e abarcada pela Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa).

O resultado desta iniciativa foi mais que uma nova e respaldada associação de classe rural. Foi a transformação do cenário no Oeste do Estado, onde hoje a pluma participa como a segunda cultura na matriz produtiva e responde por, aproximadamente, 36% do Valor Bruto da Produção –VBP, cerca de 3,6 bilhões. Leia mais nas páginas **06** e **07**

### Veja também:

Agricultores e Governo defendem política ambiental com foco na produção de alimentos, em visita de secretários ao Oeste

\_\_\_\_\_Página **02**

Agricultura baiana terá escritório de representação em Pequim

\_\_\_\_\_Página **03**

Boa safra aquece a Bahia Farm Show

\_\_\_\_\_Página **04**

Soja e milho batem recordes no Oeste da Bahia

\_\_\_\_\_Página **04**

Vem aí o Dia de Campo do Algodão!

\_\_\_\_\_Página **05**

Oferta excessiva e políticas inadequadas ameaçam milho na Bahia

\_\_\_\_\_Página **05**

Fundeagro viabilizará estudo para verticalizar cadeias produtivas do Oeste

\_\_\_\_\_Página **07**

## Agricultores e Governo defendem política ambiental com foco na produção de alimentos em encontro no Oeste da Bahia

“Queremos que dentro de alguns anos toda a produção agrícola do Oeste da Bahia possa ser oriunda de áreas regularizadas do ponto de vista ambiental”. A frase do presidente da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Walter Horita, marca o compromisso dos agricultores da região com o Plano Oeste Sustentável e foi proferida durante encontro dos secretários de Meio Ambiente, Eugenio Spengler, e da Agricultura, Eduardo Salles, com mais de 300 produtores rurais na tarde da terça-feira 11 de maio, no município de Luís Eduardo Magalhães, a 900km da capital baiana.

A fase de adesões ao Plano Estadual de Adequação e Regularização Ambiental dos Imóveis Rurais e ao seu desdobramento regional, o Plano Oeste Sustentável, só foi possível com a publicação, no dia 24 de abril, do decreto 12.071, que regulamenta a lei que instituiu o Plano, em 1º de julho do ano passado. Com o decreto, o agricultor passou a ter segurança jurídica para aderir à iniciativa participativa entre Governo e produtores sem risco de novas multas e embargos ao assumir os seus passivos no Termo de Compromisso.

A necessidade de uma política ambiental atrelada a uma política de produção de alimentos foi enfatizada pelo presidente da Aiba, Walter Horita. Ele lembrou que há dez anos um sa-



lário mínimo mal comprava uma cesta básica no Brasil. Hoje, a cesta básica custa R\$162 e, com salário mínimo, o consumidor pode comprar quase três. Também há dez anos uma saca de milho custava R\$15, o mesmo preço praticado hoje. “A agricultura garante alimentos em abundância, a preços baixos. É uma atividade nobre e estratégica que garantiu ao país atravessar sem maiores conseqüências uma das piores crises da história mundial”, afirmou. Segundo Horita, a produção de alimentos e fibras precisa estar a salvo dos discursos ideológicos e da insegurança jurídica que comprometem a agricultura brasileira.

“Todo produtor entende a necessidade de preservar o meio ambiente, pois disso depende a perpetuação de sua atividade a longo prazo. Por isso, nin-

guém aceita ser tratado como depredador e bandido”, afirmou.

**Amostragem** - O pensamento do representante dos agricultores é partilhado pelo secretário do Meio Ambiente. “Não podemos pensar políticas ambientais sem pensar em políticas de produção de alimentos”, disse Eugenio Spengler. Segundo o secretário, sem um esforço conjunto entre Governos e produtores é impossível regularizar os imóveis rurais da Bahia. Em todo o estado, de acordo com Spengler, são 700 mil propriedades rurais. Se o Governo, através dos órgãos ambientais, colocar como meta cinco anos para regularizar todos eles, haverá uma média de 150 mil processos tramitando no Instituto do Meio Ambiente (IMA) por ano, o que ele considera “humanamente impossível”.

“Precisamos entender que o produtor é capaz

de apresentar um projeto de regularização correto quando ele tem o apoio dos órgãos ambientais. As vistorias serão por amostragem e quando a fiscalização detectar erros, eles serão punidos”, explicou.

Spengler argumenta que a regularização ambiental é parte indispensável aos processos de inclusão social no mundo. “De acordo com a ONU, um bilhão de pessoas estão saindo da pobreza absoluta e entrando nas classes C e D. Elas precisam comer, vestir, usar energia, e o Brasil e algumas regiões da África serão as principais fontes mundiais de produção de alimentos”, diz. O secretário acredita que fatalmente algumas áreas de cerrados terão de ser sacrificadas para evitar o desmatamento de biomas como o amazônico. “Por isso, o cerrado tem de ser preservado, conforme pre-

## Expediente

ANO 17 - Nº 179 - Mai/10

Publicação mensal editada pela Abapa -Aiba e Fundação Bahia

### CONSELHO EDITORIAL

Alcides Viana  
Alex Rasia  
Johnson Medrado Araújo  
Jussara Piai  
Rosebele Cardoso  
Sérgio Pitt

**Jornalista responsável:**  
Catarina Guedes - DRT 2370-BA

**Editoração Eletrônica:**  
Eduardo Lena (77) 3611-8811

**Impressão:**  
Gráfica Irmãos Ribeiro  
(77) 3614-1201

**Tiragem:**  
2.500 exemplares

*Comentários sobre o conteúdo editorial desta publicação, sugestões e críticas, devem ser encaminhadas através de e-mail para: catarinaguedes@agripres.com.br*

A reprodução total ou parcial do conteúdo desta publicação é permitida e até recomendada, desde que citada a fonte.



Av. Ahylon Macêdo, 11, Barreiras - BA - CEP. 47.806-180  
Fone: (77) 3613-8000 Fax: (77) 3613-8020

www.abapaba.org.br  
www.aiba.org.br  
www.fundacaoba.com.br  
fundeaagro.ba@aiba.org.br

coniza a lei, mantendo suas áreas de reserva intactas e cadastradas”, concluiu.

**Resgate** - Para o secretário da Agricultura, Eduardo Salles, o Plano Oeste Sustentável sana uma dívida do Governo com os produtores do Oeste da Bahia. “O Governo admite que não teve condições de evoluir no atendimento aos pedidos de licenças e autorizações ambientais no mesmo ritmo em que se deu o desenvolvimento da agricultura no Oeste da Bahia, e este Plano

ajuda a quitar este débito e a resgatar a imagem do produtor rural da região, que contribui enormemente para a geração de riquezas no estado”, afirmou Salles.

Também estavam presentes na mesa diretora do evento, o prefeito de Luís Eduardo Magalhães, Humberto Santa Cruz, o diretor geral do Instituto do Meio Ambiente (IMA), Pedro Ricardo, o gerente executivo do Ibama em Barreiras, Zenildo Soares, e o ex-secretário da Agricultura, Roberto Muniz.

## Agropecuária da Bahia terá escritório de representação em Pequim

“Este é um grande marco para a agropecuária do Estado da Bahia”, disse o secretário estadual da Agricultura, Eduardo Salles, ao assinar em Pequim, com a Agência de Promoção à Exportação na China (Apex), e com diversas associações de produtores baianos um protocolo de intenções para a instalação de um escritório da agropecuária baiana na China. De acordo com o secretário, “as missões são importantes, mas a partir de agora nós teremos presença permanente na Ásia, ampliando as relações de parceria e comerciais entre a Bahia e a China”. Para os representantes das cadeias produtivas que participam da missão, “com esta iniciativa a Bahia dá um grande passo e marca um gol de placa”.

A implantação do escritório baiano, (que vai

funcionar em Pequim, nas salas 1.303/05 do China Central Place, 81 Jianguo Road, Beijing), é um fato inédito e pioneiro. “A Bahia torna-se o primeiro estado brasileiro a ter esta representação do setor agropecuário permanente na China”, comemora Eduardo Salles. Ele explica que “o escritório será gerido por um funcionário especialista em mercado chinês, que fará a prospecção de novos negócios para todas as cadeias da agropecuária da Bahia, atendendo aos pequenos, médios e grandes produtores via as suas associações”.

Assinaram o protocolo de intenções, além de Eduardo Salles, César Yu, gestor do escritório Apex/China; Henrique Almeida, presidente da Associação de Produtores de Cacau, APC; Suemi Koshiama, pelo Instituto da Fruta; Sér-

gio Pitt, vice-presidente da Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia, Aiba; Clóvis Ceolin, pela Associação dos Produtores de Algodão da Bahia, Abapa; Nilson dos Santos Cerqueira, presidente da Associação dos Frigoríficos da Bahia; Claudinor Dutra, presidente da Cooperativa Mista Agropecuária Conquistense, Coopmac, e João Lopes Araújo, presidente da Associação dos Produtores de Café da Bahia, Assocafé. “De acordo com Eduardo Salles, o escritório da agropecuária da Bahia na China vai atender a todas as cadeias produtivas do Estado interessadas em ampliar ou estabelecer relações comerciais com os chineses.

**Profissionalismo** - “Se a missão retornasse hoje, eu já estaria realizado”, disse o presidente da As-



Cesar Yu, Eduardo Salles e Humberto Santa Cruz assinam protocolo de intenções

sociação dos Produtores de Cacau, APC, Henrique de Almeida, destacando que a criação do escritório permanente da agropecuária baiana na China “é o caminho, é um passo gigantesco, muito importante para a Bahia”. Ele disse que esta iniciativa já era desejada desde o ano passado, que se concretiza agora graças ao empenho do governo da Bahia e ao elevado ní-

vel profissional da missão chefiada pelo secretário Eduardo Salles.

Para Sérgio Pitt, vice-presidente da Aiba, “é uma forma muito eficiente e econômica de promover os produtos baianos. Um passo de fundamental importância dado pelo governo baiano em parceria com as associações do setor agropecuário da Bahia. Uma verdadeira tacada de mestre do

secretário e do governo”.

Presidente da Associação Bahia dos Produtores de Algodão, Abapa, João Carlos Jacobson Rodrigues, recebeu a implantação do escritório como “uma excelente oportunidade para estreitar o relacionamento com os chineses. Eles gostam de olhar nos olhos dos interlocutores e o escritório vai facilitar a realização de negócios”.

## Aiba e BNB lançam novos editais do Fundesis



A Bahia Farm Show também será o palco para a divulgação da nova etapa de financiamento de projetos do Fundo para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável da Bahia, o Fundesis. Durante a abertura da fei-

ra, às 10h do dia 1º de junho, serão lançados dois novos editais do Fundo, que, juntos, somam R\$700 mil, sendo R\$ 334 mil disponibilizados pelo Banco do Nordeste (BNB) e R\$ 366 mil, pela Aiba. O Fundesis é uma das mais importantes ações

de Responsabilidade Social desenvolvidas pela Aiba e conta com a parceria do Banco do Nordeste do Brasil. Ele foi criado em 2007 e tem como objetivo melhorar a qualidade de vida de milhares de pessoas na região, através do financiamento de projetos sócio-educativos. Suas ações são voltadas para a Inclusão Social e Digital, Educação, Cultura, Saúde Preventiva, Geração de Renda e Empreendedorismo.

Estão aptas a apresentar os projetos as organizações da socieda-

de civil sem fins lucrativos, constituídas juridicamente há pelo menos dois anos, com experiência mínima também de dois anos. As propostas deverão ser entregues na Aiba do dia 7 de junho ao dia 9 de julho, e a divulgação dos resultados da seleção ocorrerá no dia 9 de agosto de este ano.

Desde a criação do Fundo, outros R\$700 mil foram investidos, e beneficiaram diretamente mais de duas mil pessoas, através de 16 projetos de 13 entidades, nos municípios de

Barreiras, Luís Eduardo Magalhães e Angical. Por causa do Fundesis, 800 novos postos de trabalho diretos e indiretos foram criados, e, com os novos recursos, este número tende a aumentar.

A etapa que se inicia com o novo edital será marcada pela inclusão de outras entidades civis no desenvolvimento dos projetos escolhidos pelo Fundesis, como as Instituições de Ensino Superior (IES). Essa parceria com os centros de produção do saber será direcio-

nada, principalmente, para o aprimoramento das habilidades tanto de gestão quanto pedagógicas dos profissionais que trabalham nas entidades contempladas, potencializando a eficácia dos recursos investidos nos projetos.

Os editais estarão disponíveis no site da Aiba no banner do Fundesis. Para mais informações, marque sua visita através do telefone: (77) 3613 – 8012, ou pelo email: fundesis@aiba.org.br.

## Soja e milho batem recordes no Oeste da Bahia



**A**s condições climáticas, de maneira geral, favoráveis levaram a produção de soja do Oeste da Bahia a superar, pela primeira vez, os 3 milhões de toneladas. Dados do 3º levantamento da safra do Oeste da Bahia – 2009/10, apontam que a produção alcançou o volume recorde de 3,213 milhões de toneladas, 28% a mais do que a safra passada.

A área plantada com o grão cresceu 6,8%, passando para 1,05 milhão de hectares, com produtividade de 51 sacas de 60 kg por hectare, enquanto na safra 2008/09 a produtividade foi de 42,5 sacas/ha. “A produtividade recorde da soja nesta safra só não foi maior por conta das interferências climáticas provocadas pelo fenômeno ‘El Niño’, que gerou veranicos (período de estiagem acompanhado por calor intenso e baixa umidade) isolados em algumas microrregiões”, diz o diretor executivo da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Alex Rasia.

O milho, apesar da diminuição da área plan-

tada, que caiu 5,6%, para 170 mil hectares, bateu recordes de produção e produtividade. De acordo com os dados do levantamento, a produção do cereal atingiu 1,479 milhão de toneladas nesta safra, 1,4% maior do que a anterior. Já a produtividade aumentou 7,4%, chegando a 145 sacas de 60 kg/ha.

O algodão, segunda maior cultura em área da região, manteve os níveis de produção, mas a colheita deve se intensificar no fim deste mês. Enquanto a produção do Oeste do estado cresceu 13,9%, para 983,7 mil toneladas de algodão em capulho (393 mil toneladas de pluma), com produtividade de 270 arrobas de capulho por hectare (+22%) ou 108 arrobas de pluma/hectare, e área de 242,9 mil hectares (-7,2%), no Sudoeste a produção caiu 8,9%, para 34,7 mil toneladas de algodão em capulho (13,9 mil toneladas de pluma), com produtividade de 170 arrobas/hectare (-10%), ou 68 arrobas de pluma/hectare e área plantada de 13,6 mil hectares (+0,2%).

O 3º levantamento da safra do Oeste da Bahia – 2009/10 realizado pela Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), conta também com a par-

ticipação de outras associações, órgãos oficiais do Governo Estadual e Federal, além das empresas do complexo soja.

**Preço** – O valor arrecadado com a produção da soja na safra de soja 2009/10 também foi maior. Desta vez, o Valor Bruto da Produção (VBP) chegou a R\$ 1,76 bilhão, enquanto na safra passada ele foi de R\$ 1,70 bilhão. O preço poderia ter sido maior, mas foi afetado pela forte desvalorização do dólar (de 2009 até o momento), de acordo com Rasia.

O algodão recuperou bem os preços com a retomada do consumo mundial e pela forte redução de área da fibra. O VBP na safra 2009/10 chegou a R\$ 1,21 bilhão, enquanto no ano passado o valor foi de R\$ 1,19 bilhão. Já a produção de milho somou R\$ 365,3 milhões, queda em relação à safra 2008/09, quando atingiu R\$ 492 milhões. Ainda segundo Alex Rasia, o preço baixo do milho reflete o excesso de oferta no mercado. “O consumo não acompanha a oferta, mas a boa produtividade compensa o preço”, conta.

## Números positivos da safra aumentam expectativa para Bahia Farm Show

**O**bom momento da safra de grãos do Oeste da Bahia reflete diretamente nas expectativas para a realização da Bahia Farm Show - Feira de Tecnologia Agrícola e Negócios, que acontece entre 01 e 05 de junho de 2010, em Luís Eduardo Magalhães.

Embalada pela boa produtividade da região, a feira registra um crescimento de 35% em relação ao ano passado. Os espaços do pa-

vilhão coberto já foram comercializados e área externa está com 95% de ocupação. “Para o evento crescer no próximo ano, teremos que aumentar o espaço disponível no Complexo Bahia Farm Show”, conta o diretor executivo da Aiba, Alex Rasia.

O público deste ano deve ser maior do que o de 2009. Para conhecer as novidades em máquinas, implementos, insumos, além de palestras e resultados de pesquisas

agrícolas são esperadas mais de 35 mil pessoas para os cinco dias do evento, o que ultrapassa os 32 mil visitantes do ano passado. “A tendência é que os R\$ 214 milhões movimentados em 2009 sejam superados”, afirma Rasia.

A feira ocorre no Complexo Bahia Farm Show, que possui 200 hectares de área total. O local conta com 60 mil metros quadrados destinados a exposição, que abrigam com qualidade

e conforto mais de 150 estandes. Há ainda 12 mil metros quadrados de canteiros experimentais, com materiais genéticos de alta performance.

A Bahia Farm Show é promovida pela Aiba, Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), Associação dos Revendedores de Máquinas e Implementos Agrícolas do Estado da Bahia (Assomiba), Fundação Bahia e Prefeitura Municipal de Luís Eduardo Magalhães.



## Oferta excessiva e políticas inadequadas ameaçam milho na Bahia

O excesso de oferta de milho no mercado brasileiro está prejudicando os produtores do Nordeste. Não bastasse isso, a política de garantia de preços do milho, promovida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) é ineficiente para resolver o problema, já que os leilões não equilibram a oferta e demanda, somente proporcionam ajustes regionais.

Além dos preços do milho praticados na Bahia de R\$ 14,00 contra um preço mínimo de garantia do governo de R\$ 19,03, o Mapa, através da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), subsidia milho de Goiás, do Distrito Federal e do Mato Grosso para o Nordeste, gas-

tando a logística para o Nordeste, em detrimento do produto da Bahia que não participa do leilão. “O milho sai do Mato Grosso, passa dentro da Bahia e vai para Pernambuco e Ceará, gastando um prêmio, que é dinheiro público, maior”, conta o vice-presidente da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Sérgio Pitt.

De acordo com Pitt, essa prática favorece o crescimento da produção do Mato Grosso em detrimento do cultivo na Bahia. “Enquanto o milho do Mato Grosso vai para o Nordeste, o milho da Bahia fica estagnado. É possível movimentar o produto da Bahia, gastando menos dinheiro com prêmios e logística”, conta. “A po-

lítica do governo precisa ser regionalizada. Não pode favorecer um estado e prejudicar outro.” Segundo o assessor de agronegócio da Aiba, Alcides Viana, a Bahia teve uma safra recorde de milho, atingindo 1,5 milhão de tonelada, mas não tem para onde vender. “Se tem oferta de milho no próprio Nordeste, para que trazer milho do Mato Grosso?”, questiona.

Uma reivindicação da entidade é a de viabilizar a exportação do produto. “O leilão é um bom instrumento, mas não resolve o problema do excesso de oferta de milho no mercado interno”, conta Pitt. Segundo ele, para equilibrar oferta e demanda é necessário tirar o milho do mer-

cado interno através da compra pelo Governo (AGF) ou viabilizando a exportação do excedente. “Se o produto sai de circulação, é possível sustentar o seu preço”, conta.

De acordo com o vice-presidente da Aiba, subvencionar o produto não aumenta o seu preço. “Se paga uma logística para transferir o milho de lugar, mas o excedente permanece no país”, afirma. Pitt conta que o governo subvenciona grandes quantidades ao invés de comprar e tirar do mercado quantidades menores, o que seria mais eficaz para os produtores.

O vice-presidente da Aiba explica que no ano passado as exportações do Mato Grosso foram maio-

res, o que pressionou menos o milho do Nordeste. Porém, nesta safra há excedente no Mato Grosso devido à safrinha e a safra do oeste da Bahia foi recorde. “Em consequência disso, a participação da cultura do milho na matriz produtiva da região é cada vez menor, menos da metade da média nacional. O produtor planta porque, tecnicamente, é obrigado”, diz.

Segundo o diretor técnico da Aiba, Antonio Grespan, o produtor tem a necessidade de plantar milho por causa da rotação de culturas. “Se não houver a rotação de culturas, pode haver o surgimento de doenças de monocultura, como o mofo branco”, explica. “O milho deixa muita matéria orgânica no solo, o que

favorece o plantio direto.” Por essas questões, o ideal é que essa cultura ocupe cerca de 30% de uma matriz produtiva. Porém, a média da região é de apenas 9,7%, enquanto que a média nacional é de 29%. Segundo Grespan, se o milho ocupasse 25% da matriz produtiva do oeste da Bahia, a produção do grão abastecerá quase a totalidade do Nordeste.

O diretor técnico da Aiba também lembra que o custo de produção do milho é mais alto, do que, por exemplo, o da soja. “E a soja tem liquidez, o milho não.” Segundo ele, com o atual preço praticado, de R\$ 14, é preciso ter uma produtividade muito boa. “Mas é muito arriscado”, alerta.



## Vem aí o Dia de Campo do Algodão!

No ano em que o algodão da Bahia comemora o aniversário de 10 anos de fundação da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), representando e defendendo a cotonicultura baiana, o Dia de Campo do Algodão tem tudo para ser um dos melhores da história. Há 12 anos o evento se repete com sucesso, mobilizando os agentes em toda a cadeia do agronegócio. Mais de 1 mil pessoas são esperadas no CPTO para conferir as tecnologias que deixam os laboratórios para ganhar, em breve, as lavouras nos quase 300 mil hectares de área plantada

do cerrado baiano.

“A cada nova safra, o produtor precisa tomar decisões. Para isto, este é o melhor momento, e o Dia de Campo é o melhor lugar. As principais empresas ligadas a este agronegócio estarão presentes no evento e o desempenho dos materiais poderá ser comparado, facilitando a escolha”, explica o presidente da Fundação Bahia Amauri Stracci.

Este ano, duas novas variedades convencionais prometem chamar a atenção de quem for ao evento. Trata-se de materiais que deverão estar disponíveis em escala comer-

cial para a safra 2011/12 e trazem como diferencial o fato de possuírem fibra média e excelente produtividade. Seu tamanho varia entre 32,5 a 33 milímetros, contra a variedade preponderante no mercado, que tem de 30 a 31 milímetros. “Esses materiais estão em observação e ainda não foram registrados, mas as nossas expectativas são as melhores possíveis”, diz o técnico da Fundação Bahia, Muriilo Barros Pedrosa. Ele explica que a fibra mais longa permite a confecção de tecidos de maior qualidade, remunerando o produtor em cerca de

10% a mais, em média.

### Canteiros no ponto

A chuva, que tem sido freqüente na região, comprometeu um pouco a aparência, mas não a qualidade das lavouras experimentais onde será realizado o Dia de Campo. Com área total de 10 mil metros quadrados, divididos em quatro estações, as lavouras já estão no ponto para receber os visitantes.

Dentre os temas que serão tratados, estão a transgenia, com um panorama das lavouras geneticamente modifica-

das, desde a introdução da tecnologia no Brasil, além da defesa fitossanitária, com foco no nematóide, problema que vem crescendo na região em decorrência de manejo inadequado e de contaminação causada pelo tráfego de máquinas. O nematóide baixa significativamente a produtividade em suas áreas de ocorrência.

A técnica do plantio adensado de algodão tem gerado muita curiosidade e já tem vários adeptos na região, ocupando em torno de cinco mil hectares no cerrado da Bahia. Por sua relevância e interesse, tam-

bém foi escolhida como tema no dia de campo.

### Palestra

Já é tradição abrir a programação do Dia de Campo do Algodão com uma palestra para os produtores na véspera da etapa em campo. Este ano, ela será sobre Mercado, e será proferida pelos representantes de algumas das mais importantes tradings do setor, a Esteve, que completa este ano 75 anos de Brasil e 10 no Oeste da Bahia, a Dreyfus e a Glencore



# Especial Aniversário da Abapa

## 10 anos que transformaram a cotonicultura da Bahia



Há exatamente uma década, no dia 31 de maio de 2000, nascia a Associação Baiana dos Produtores de Algodão, a Abapa, e com ela uma nova mentalidade e forma de produzir a fibra na Bahia. A certeza de que o cerrado baiano seria capaz de ocupar o vácuo deixado pelo declínio da atividade nas áreas tradicionais do estado levou um grupo de cotonicultores pioneiros da então nova fronteira agrícola a se mobilizar e organizar para a criação de uma entidade de classe que pudesse representar, defender e promover o desenvolvimento da cotonicultura regional, sob os mesmos parâmetros,

e abarcada pela Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa).

O resultado desta iniciativa foi mais que uma nova e respaldada associação de classe rural. Foi a transformação do cenário no Oeste do Estado, onde hoje a pluma participa como a segunda cultura na matriz produtiva e responde por, aproximadamente, 36% do Valor Bruto da Produção –VBP, cerca de 3,6 bilhões.

“Alguém que tivesse visto esta região há 10 anos e voltasse hoje para ver o algodão, diria que houve um milagre. Mas nós, cotonicultores, sabemos o quanto de trabalho e recursos tivemos de investir

para chegar a este ponto. E só com uma entidade forte, que congrega os esforços individuais, isso foi possível. Como presidente e produtor, me orgulho de fazer parte desta história”, afirma o presidente da Abapa, João Carlos Jacobsen.

Por “milagre”, pode-se entender o salto de produção de 68 mil toneladas de pluma em 45,2 mil hectares plantados nos primórdios da produção da fibra, na safra 2000/01, para 393 mil toneladas de pluma, com produtividade de 270 arrobas de capulho por hectare, em 242,9 mil hectares em 2010. Realçam estes dados o fato de o algodão da Bahia

ter hoje as maiores produtividades do mundo, cerca de 270 arrobas/hectare, superando inclusive os Estados Unidos (160@/ha).

“Essa evolução fantástica da cotonicultura baiana não se deve apenas a uma vocação regional para o cultivo da fibra e sim a um trabalho sério, bem feito, de coesão, que tem como patamar o desenvolvimento sustentável, tanto do ponto de vista econômico, como ambiental e social”, diz o presidente da Abrapa, Haroldo da Cunha.

### Plantando desenvolvimento

A evolução nas lavouras veio acompanhada de uma evolução

regional, já que o algodão é um dos maiores distribuidores de renda no Oeste. Um levantamento da Abapa estima que, nas atividades estritamente ligadas à produção e beneficiamento primário do algodão, sem contar a indústria têxtil - a segunda maior empregadora do país - são gerados cerca de 1,2 milhões de empregos.

“O que se vê no Oeste é um grande avanço, comprovado pelo crescimento da área plantada, da produção, da produtividade e também da qualidade. Com esta atividade consolidada, e o grande know how adquirido, agora as ações tanto do Governo do Estado quanto dos pro-

dutores serão no sentido de alçar vãos ainda mais altos, com a atração das indústrias têxteis para a região”, diz o secretário da Agricultura do Estado da Bahia, Eduardo Salles.

### Viabilizando a pesquisa

Fazer algodão brotar em larga escala e com alta qualidade dos solos do cerrado baiano exigiu vultosos investimentos em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias adaptadas para a região. “Os altos custos que isso demanda seriam impraticáveis para o produtor arcar sozinho, por isso, o Proalba foi fundamental”, lembra o ex-presidente da Abapa e coto-

Evolução da Cultura nos últimos 10 anos, no Brasil e na Bahia: Estado (Oeste) da Bahia

Safra	Área (mil ha)	Produção (ton)	Produtividade (@/ha)
2000/01	45,2	170,0	251,0
2001/02	56,6	161,7	190,0
2002/03	66,8	241,9	241,0
2003/04	163,5	625,5	255,0
2004/05	209,6	807,3	257,0
2005/06	216,3	744,4	229,0
2006/07	276,8	1.099,1	265,0
2007/08	293,4	1.188,4	270,0
2008/09	261,7	863,5	220,0
2009/10*	242,9	983,8	270,0

Fonte: Abapa  
Elaboração: Abapa  
\* Estimativa

nicultor Walter Horita.

O Proalba é o Programa de Apoio à Cultura do Algodão, implementado pelo Governo do Estado da Bahia, que concede ao produtor incentivo de 50% do ICMS devido sobre a comercialização do produto, desde que ele atenda aos padrões ambientais de qualidade pré-estabelecidos. Parte desses recursos é destinada ao Fundo para o Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão, o Fundeagro.

O Fundeagro financia a pesquisa, a defesa sanitária e o marketing da cotonicultura baiana e presta ainda grande suporte para as ações nacionais do agronegócio algodão. Foi graças a ele, por exemplo, que os produtores da Bahia, junto com o Governo do Estado, conseguiram implantar o Programa de Monitoramento e Controle do Bicudo do Algodoeiro (Programa Bicudo).

“Não dá para imaginar realizar um trabalho desta magnitude sem um lastro sólido como o Fundeagro. Mas este Fundo só é uma realidade porque uma instituição igualmente sólida como a Abapa, lutou pela sua criação e trabalha diariamente para garantir a sua manutenção”, diz o presidente do Fundeagro, Ezelino Carvalho.

### Referência

Com o Fundeagro foi possível criar o Cen-

tro de Pesquisa e Tecnologia do Oeste Baiano, o CPTO, referência brasileira no gênero, onde se desenvolvem e validam novas variedades em fibra para a região. Para isto, o CPTO conta com laboratórios diversos e canteiros experimentais. Também é no CPTO onde, desde o ano passado, se passou a realizar o Dia de Campo do Algodão, que em parceria entre a Abapa, Fundação Bahia, Aiba, Embrapa e demais parceiros, acontece há 12 anos.

“A Abapa é ao mesmo tempo causa e consequência da mentalidade arrojada do produtor da Bahia, que entende a necessidade de investir em uma cultura tão especial como o algodão. À frente dela estiveram sempre gestores competentes, como João Carlos Jacobsen, em seu começo e na gestão atual, e Walter Horita, também por duas gestões”, diz o presidente da Fundação Bahia, Amauri Stracci.

O presidente da Fundação Bahia destaca ainda a parceria entre a entidade e a Abapa nos trabalhos em melhoramento genético, nutrição de solos, além de doenças e pragas. “Já lançamos na safra passada a primeira variedade genuinamente baiana, a BRS 286, e agora vamos apresentar três novas variedades, uma delas de fibra longa”, antecipa Stracci.

Para o chefe da Embrapa Algodão, Na-

poleão Macedo Beltrão, a Abapa é o marco da nova cotonicultura da Bahia, pois foi ela quem organizou a produção, permitindo ao estado alcançar o posto de segundo maior produtor do país e primeiro em qualidade. “A Bahia tem a melhor fibra do Hemisfério Sul devido ao clima e também ao bom trabalho dos produtores, e é hoje o principal fornecedor do parque têxtil do Nordeste. Para chegar a este ponto, foi fundamental o financiamento da pesquisa através do Fundeagro. Queremos ampliar nossa participação na Bahia e aumentar nossa contribuição para o crescimento da cotonicultura do estado. Só podemos agradecer à Abapa por nos dar oportunidade de desempenhar nosso trabalho na Bahia, concluiu Beltrão.

### Força na parceria

Para o governador da Bahia, Jaques Wagner, admirador confesso do trabalho da Abapa, mais que a comemoração de uma data, o aniversário da Abapa é muito importante pelo que se construiu ao longo destes anos para o setor, hoje um grande destaque em todo o mundo. “Esse trabalho em nível organizacional facilita ao Governo estabelecer parcerias, porque reconhecemos a seriedade e a competência da Associação”, afirmou Wagner.

## Fundeagro vai viabilizar amplo estudo para verticalizar cadeias produtivas do Oeste

**O** Fundeagro e a Seagri assinam na Bahia Farm Show um Termo de Cooperação Técnica para viabilizar o “Estudo Analítico da Cadeia Produtiva do Algodão, Soja e Milho do Oeste da Bahia – Alternativas para a Verticalização da Produção”. O projeto, que consiste de um amplo estudo analítico para agregar valor às cadeias produtivas, com foco na verticalização, será realizado pela Fundação Getúlio Vargas, e deverá proporcionar elementos para balizar as políticas governamentais a longo prazo, mapeando o potencial para geração de riqueza e melhoria na distribuição de renda. O pleito da Seagri foi aprovado por unanimidade durante a Assembléia do Fundeagro, realizada na sede da Secretaria da Agricultura, em Salvador.

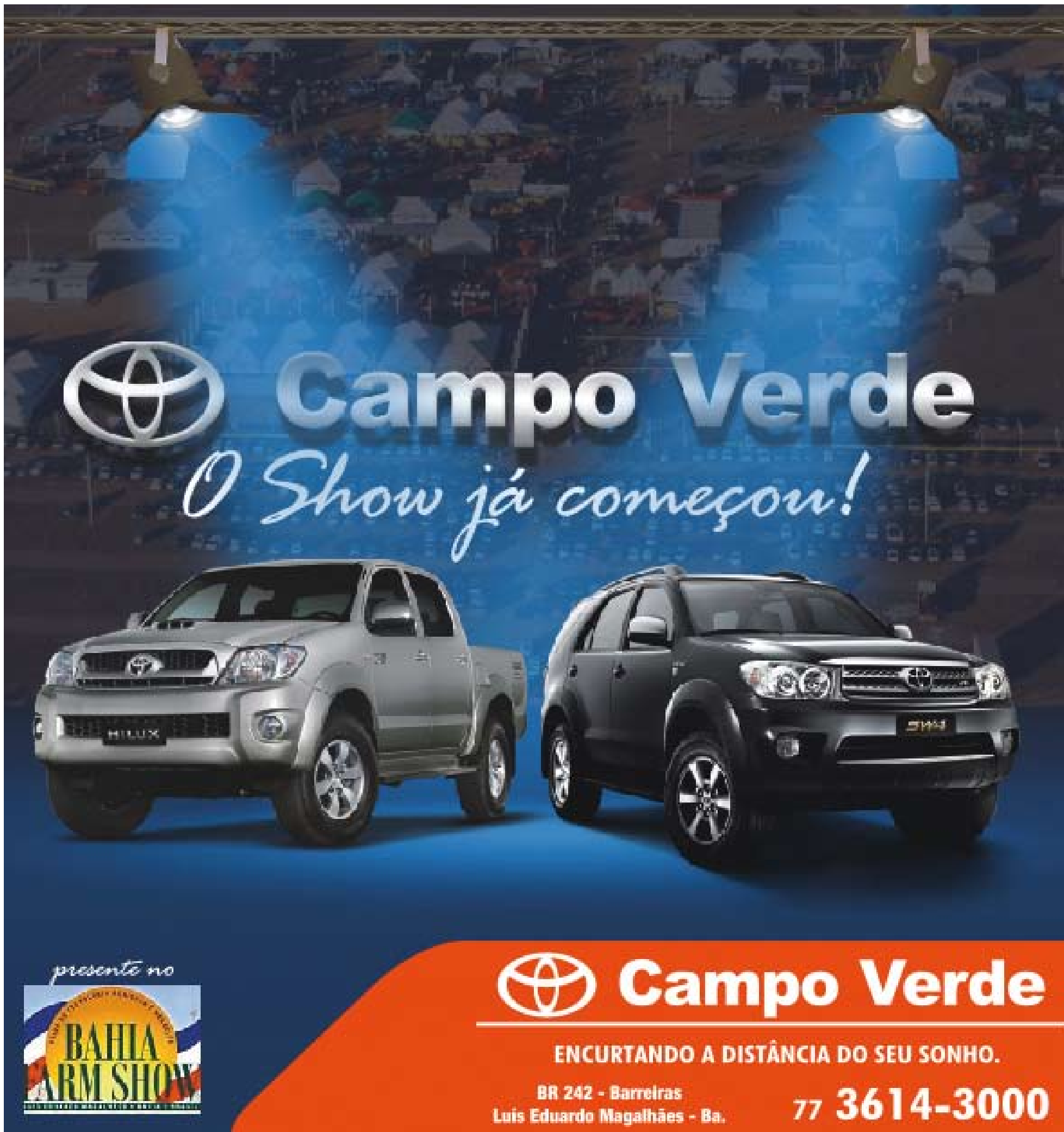
De acordo com o secretário da Agricultura, Eduardo Salles, esta ação significa o primeiro passo para uma reestruturação quanto aos aspectos sociais, ambientais e econômicos do estado. “Queremos desenvolver a Bahia, diminuindo a exportação de produtos primários, favorecendo sua industrialização, e, neste sentido, tornar o estado mais competitivo em relação aos demais produtores”, afirmou. O projeto foi orçado em R\$600 mil reais, com aporte de verba do Fundeagro.


Na mesma reunião, foi aprovado o “Protocolo de Cooperação Técnica entre Seagri, Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab), Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), Fundeagro e Associação de Produtores de Leite e Algodão de Malhada”. O projeto tem por objeto promover e incrementar a cultura do algodão dos pequenos produtores de Malhada – Bahia, em bases tecnológicas racionais e sustentáveis apoiando as ações de manejo da colheita. O Fundeagro arcará com o custo de R\$241.9 mil. O Fundo aprovou ainda para o Edital/2010, o valor global de R\$6 milhões, para Pesquisa Agrícola 25% - Treinamento e Capacitação de mão de obra 15%; Defesa Fitossanitária 25% - Monitoramento Ambiental 5%; Promoção do Agronegócio do Algodão 20%; Outros 10%. As cartas consulta deverão ser entregues até a data limite de 09 de junho.


“O Fundeagro é um grande catalisador do desenvolvimento da Bahia, não apenas pelo que investe na cultura do algodão, grande geradora de divisas e emprego, mas pelo que viabiliza para a estruturação do agronegócio no Oeste da Bahia, grande pólo produtivo do estado”, afirma o presidente do Fundo, Ezelino Carvalho.


Confira as cotações do algodão na região Oeste da Bahia e as notícias do agronegócio em nosso site:

<http://www.abapaba.org.br/>



 **Campo Verde**  
*O Show já começou!*

*presente no*  


 **Campo Verde**

ENCURTANDO A DISTÂNCIA DO SEU SONHO.

BR 242 - Barreiras  
Luís Eduardo Magalhães - Ba.      77 3614-3000